This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NEW YORK PUBLIC LIBRARY
3 3433 03842 3889
E 10-8955
Sabugosa, Antonio Maria Jose de Melo Ces
Poemetos

Burnay

un talento

A o

Sa Sabugosa

CONDE DE SABUGOSA

POEMETOS

11906

Desenhos de Casa Nova, Christino, Columbano B. Pinheiro,
Scott, D. José da Camara, Jorge de Mello, José de Mello, etc.

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO JRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1882

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX & TILDEN
FOUNDATIONS

Ao seu amigo Eduardo Burnay

com a admiração pelo seu talento.

20 de Novembro de 1882

Conde de Sabugosa

POEMETOS

CONDE DE SABUGOSA

POEMETOS

Desenhos de Casa Nova, Christino, Columbano B. Pinheiro,
Scott, D. José da Camara, Jorge de Mello, José de Mello, etc.

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1882

AOS MEUS.

Cahir do azul

Ao Visconde de Seisal

Uma noite sahira toda a gente,
Não sei porquê, mais cedo que o costume:
Ella ficára apathica, indolente,
Pensando ao pé do lume.

Estendia-se em flocos, espumosa,
De velha renda e sedas murmurantes,
A cauda do vestido côr de rosa,
Em linhas ondeantes.

O seu pé pequenino, bem calçado,
Batia, sobre os ferros do fogão,
Vagaroso compasso cadenceado
D'uma velha canção.

Uma velha canção já desbotada,
E d'uma graça ingenua onde sorri
O animado partir, para a caçada,
E o som do halali.

Julgava então ouvir distinctamente
Nas trombetas de caça o ritornello
E o latir da matilha impaciente
Nos pateos do castello.

Via alegres montar os cavalleiros
Sorrindo ás amazonas nos balcões,
E nas mangas azues dos falcoeiros
As garras dos falcões.

Louros pagens de gorras emplumadas,
Que seda fina e multicôr vestia,
Adornam as extensas balaustradas
Da larga escadaria.

Entre os pagens se nota um mais gentil,
Travesso, menestrel e trovador
Que em noites de luar, ao arrabil,
Falla do seu amor.

E que ao ver elegante aproximar-se
Do favorito fervido alazão
A loira castellã, corre a postar-se
De joelho no chão.

Ella poisa-lhe então o pé tremente
N'esse amoroso estribo de velludo,
E no joelho a marca fica assente
D'um sentimento mudo.

E lembrando a princeza da ballada,
Que amando um pagem namorado e loiro
Enxuga a mão comprida, e orvalhada
Nos seus cabellos d'oiro,

Segurando-se á fulva cabelleira
Do pagem, que no pé lhe poisa um beijo,
Sobre o cavallo salta e vae ligeira
Metter-se no cortejo.

Apagára-se o lume no fogão;
Ella accorda do sonho em alvoroço
Ouvindo resonar o capellão,
Que pensa no almoço.

Fin de rêve

Traducção pelo Visconde de Seisal

Un soir ses invités, plus tôt que d'habitude
Etaient partis. Tout se taisait.
Près d'un feu pétillant, prise de lassitude
Elle était assise et rêvait.

La traîne de sa robe affaissée autour d'elle
S'enroulait en flots écumeux
A sa jeune beauté ce fouillis de dentelle
Faisait un nid rose et soyeux.

Son petit pied mignon, dans sa mule élégante
Sur les chenets était posé
Il battait lentement la mesure dolente
D'un vieux refrain du temps passé.

Ces couplets surannés d'une naïve grâce
De l'âge d'or reflet pâli
Lui parlaient des amours, du départ pour la chasse,
Du joyeux son du hallali.

Il lui semblait entendre, en sa pensée ardente
Le son du cor dans le bois noir,
Et les appels confus de la meute bruyante.
A la porte de son manoir.

Elle voyait passer implorant un sourire
Des chevaliers sous les balcons
Et sur les pourpoints bleus des varlets d'un beau sire
Mordre la serre des faucons.

Sur le vaste escalier, quel essaim de beau pages
Vêtus de soie et de brocart,
S'échelonant pour voir passer les équipages
Et pour assister au départ!

Il en est un surtout, à la mine éveillée
Tendre, naïf et troubadour
Qui sait sur la cithare, aux soirs de la veillée,
Chanter les douceurs de l'amour.

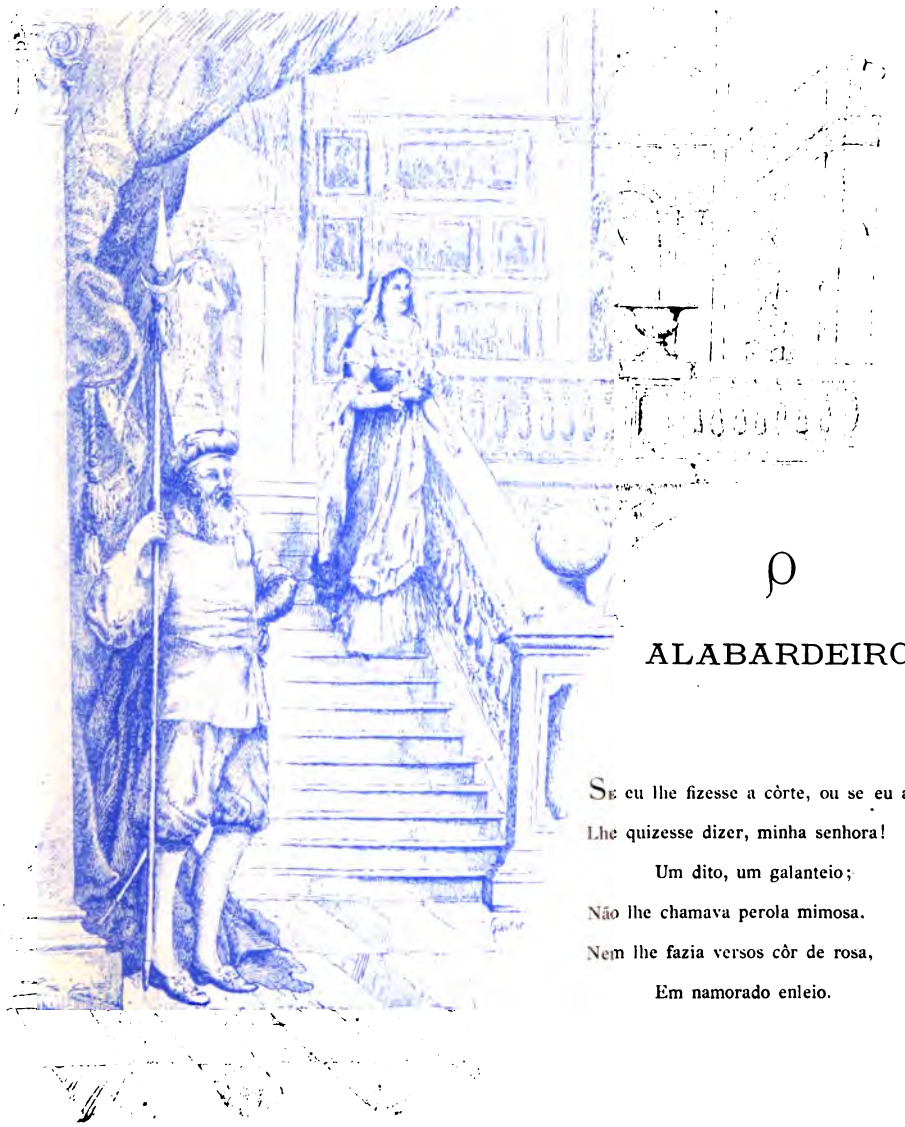
En voyant approcher la châtelaine altière
De son palefroi henissant
Le bel enfant va mettre un genou contre terre
Et lui tend l'autre en frémissant.

Souriante, elle met son petit pied de fée
Sur cet étrier de velours
Et de ce doux contact la trace ineffacée
Dans leur cœur restera toujours.

La ballade nous dit, qu'une reine amoureuse
Voulant sécher sa blanche main
La plongeait dans les flots de la toison soyeuse
D'un page, tendre *Chérubin*.

Ainsi la châtelaine en se mettant en selle,
S'appuie au front jeune et charmant,
Tandis-que, comme adieu, sur le pied de sa belle
Il dépose un baiser brûlant.

Le feu s'était éteint. Prise d'un froid de glace
Elle se réveille en sursaut...
Rien! que son chapelain à rubiconde face
Qui du souper rêve tout haut.



O ALABARDEIRO

Se eu lhe fizesse a côrte, ou se eu agora
Lhe quizesse dizer, minha senhora!
Um dito, um galanteio;
Não lhe chamava perola mimosa,
Nem lhe fazia versos côr de rosa,
Em namorado enleio.

Nem tão pouco, senhora, a comparava
Ao branco lirio ou aos jasmins de Java,
Aos raios do luar,
Ou á flôr virginal da laranjeira,
Que nas manhans de primavera esteira
As ruas do pomar.

Não lhe exaltava os olhos orientaes,
As delicadas mãos esculturaes,
O malicioso pé;
Não iria roubar quentes bellezas,
Ás sensuaes, romanticas marquezas
Dos versos de Musset.

Repetia-lhe apenas n'esse instante
O lisonjeiro dicto, archi-galante
Do velho alabardeiro,
Que uma vez... O melhor é começar;
E, se me ouvir attenta, vou contar
A historia por inteiro.

É n'um museu. Avultam as brancuras
De formosas antigas esculturas
Nos altos pedestaes;
Chove do tecto a luz suave e morna,
Que n'um banho macio lhes contorna
As fórmas geniaes.

Deslumbram nas extensas galerias
As plasticas, reaes, anatomias
Da Grecia creadora.
Aqui, vê-se, n'um extase adoravel,
A belleza dogmatica, immutavel,
Da Venus vencedora.

Despe-lhe as fórmas tumidas, redondas,
Cahindo-lhe revolto em largas ondas,
O manto desprendido;
E n'esse corpo musical, severo,
Brilha um poema hellenico de Homero,
Eternamente lido.

Além, uma Diana caçadora
A tunica arregaça encantadora
N'um infantil mencio.
Adiante, Baccho ao peito de Sileno,
E de Pallas um vulto alvo e sereno,
Com a egide no seio.

Olhando em volta a multidão divina,
Olympica, marmorea, alabastrina,
A multidão pagan,
Parece-nos que assim eternamente
Aquelles deuses ouvem docemente
Um cantico de Pan.

Deixando a galeria. Na sahida,
Onde se juncta a escada bipartida
N'um vasto patamar,
Destaca-se aprumado um velho guarda,
Empunhando tranquillo uma alabarda,
Grande, semi-lunar.

Tem o soberbo aspecto das figuras
Da meia edade. As velhas armaduras
Deviam-lhe servir;
A barba ennovelada, a tez rugosa,
Uma indifferença altiva e desdenhosa,
Nostalgico o sorrir.

Pois, um dia, contaram-me que vendo
Uma linda mulher, que ia descendo,
O velho estremeceu,
E prendendo-a no largo peristillo:
«Não vos deixo fugir, Venus de Milo!
Fugir d'este museu.»

Acaba aqui a historia. Se eu agora
Lhe quizer dirigir, minha senhora!
Um dicto lisonjeiro,
Repetirei apenas n'este instante,
Que lhe diria o mesmo que o galante
E velho alabardeiro.

O ROMANCE DE JULIA

Dos ultimos chocalhos do rebanho,
Que ás trindades recolhe de pastar,
Escuta-se ainda longe o som roufenho,
Como vozes de freiras a rezar.

Por sob a espessa ramaria umbrosa,
Onde as aves se deitam com amor,
Na sombria azinhaga tortuosa,
Entre macissos de congossa em flor,

Onde perpassa em ondas docemente
Das violetas o subtil mysterio,
Caminha o sancto abbade lentamente
Regressando cançado ao presbyterio.

Das trindades o som teimoso e brando
Pelas varzeas echoa e nas campinas;
Subito pára o velho murmurando
As orações piedosas vespertinas.

E fica largo tempo concentrado...
N'isto lhe chega na indiscreta aragem
Petulante, sonoro e prolongado,
O chilrear d'um beijo entre a folhagem.

Fugindo sae então da moita espessa
Um vulto branco, a passos tão ligeiros,
Que por pouco não via que a travêssa
Era a morena Julia dos Ulmeiros.

Sorri-se docemente o sancto abbade,
E na memoria um bafo lhe passou
Da saudosa remota mocidade.
Sonho d'amor que cedo se acabou...

*
* *

Alguns dias depois pela manhã,
Entre um grupo de velhas confessadas,
Vermelha como um bago de romã,
Olhos no chão, no seio as mãos cruzadas,

Ajoelhada perante o confessor,
Que benevolo a escuta e ouve attento,
Ella conta o nascer do seu amor
E pede que lhe faça o casamento.

Ha muito fôra já que a vez primeira,
Em noite d'arraial a S. João,
Ella ouvira a suave, a lisongeira
Doce voz que lhe entrou no coração.

E que entre o som dolente das cantigas,
Que em desafios trocam prolongados,
Em quanto que no adro as raparigas
Dizem coisas baixinho aos namorados,

Embebida na doce languidez,
Filtros d'amor que traz a quente aragem,
Ella trocou pela primeira vez...
O que o prior ouvira entre a folhagem.

Parando o velho abbade a confissão
Com paternal affecto perguntou
Quem assim lhe tomára o coração.
Ella o nome do noivo murmurou.

N'isto o rosto do padre se contrahe,
E com profundo e triste sentimento,
Lhe prohibe, por alma de seu pae,
De mais pensar n'aquelle casamento.

É que lembrára ao velho constrangido
Um segredo d'antiga confissão:
O namorado noivo promettido
Da Julia dos Ulmeiros era irmão.

A FILHA DO CHEFE

(DE CATULLE MENDÈS)

Dos dalmatas no campo entram mongoes raivosos.
Derramam-se no ar os cheiros resinosos.
Das florestas o fumo em curvas espiraes
Torna sombrio o céo. Nos campos, nos casaes
O fogo devastou vinhas e sementeiras.
Os trêdos dos mongoes adoram as fogueiras!
Junto do velho pae de cinzas rodeado
E dos pequenos nús que o vento afogueado
Não deixa bem sentir o frio destruidor,
O vencido olha e vê cheio d'espanto e dor,
Que foram pelo fogo acceso nas ramadas
Todo o seu pão cosido e as vinhas vindimadas.

Aos rudes cannibaes que descem do Oriente
A correr como um rio impetuosamente,
Dos dalmatas o chefe em vão quiz resistir.
Muro que sente já as bases alluir,
Lamenta o pobre velho em casa a triste sorte
Não por si (que elle já bem perto sente a morte)
Mas pela filha sua, a casta flor do linho.
«Era o meu doce apoio, a pomba do meu ninho,
E morre se eu morrer!» Carvalho derribado
Pensas no ramo verde e sentes-te quebrado!

De repente um mongol ao velho se chegou
E cruelmente diz: «Tu sabes quem eu sou?
Sou o Khan, o senhor de muitos mais guerreiros
Que espigas tens no campo e grãos nos teus celleiros,
Casaes por esse vale e casas na cidade.
Eras rico, bem sei. Mas é tambem verdade
Que o povo meu queimou as casas e os casaes.
Seis filhos tinhas tu audazes, bons, leaes,
Seis cães eu tinha, e dei um corpo a cada cão.
Ganhei alguma coisa em tudo isto? Não.

Mas eu sei quanto é linda a filha que tens cá,
Diz-lhe que venha.
«Nunca.»
—Eu mando aqui. É já.
«Ella é tão nova, e tem...
—Vamos! ordeno, velho?
«Dezeseis annos só!» O chefe curva o joelho
E prostra-se no chão, olhando em torno a si,
Como a buscar alguem que lhe appareça ali,
Que o venha soccorrer. E espera de mãos postas;
Mas fortes já não ha e os fracos deram costas.

«Chama-a! grita o mongol acceso em furia louca,
Senão, misero e vil, te arrancarei da bocca
Um grito que de prompto a faz aqui chamar.»

Abre-se n'isto a porta e assoma ao limiar
Tendo por traz de si o quadro luminoso
Do vasto céo azul, do grande monte umbroso,
Alguem que envolto em luz e cheio de justiça
Armado cavalleiro e prompto a entrar na liça
Diz, manejando a lança em adextrada mão:
«Oh chefe! D'essa filha eu sou o campeão!»

«Quem? Tu?» Diz o mongol. E torvo, embravecido
Investe com furor contra o desconhecido.

Embatem uma n'outra as armaduras d'aço.
Fervem golpes no ar. Echoa pelo espaço
O retinir do ferro extraordinariamente.
Um grito. E cae no chão vencido um combatente;
O Khan põe-lhe no peito um pé, e a dura espada
Lhe aponta. Pelo guante ali é levantada
Do misero a vizeira.
Horror! Uma mulher!
Creança que se afoga em sangue e vae morrer!
No azul dos olhos seus o pranto assoma e brilha.

«Meu pae, diz ella, adeus! salvei a vossa filha!»

Ruinas

A Vicente de Pindella

N'um jardim por Le Nòtre desenhado
Com buxos em figuras caprichosas,
Onde um classico Apollo mutillado
Preside ás nove musas já rugosas.

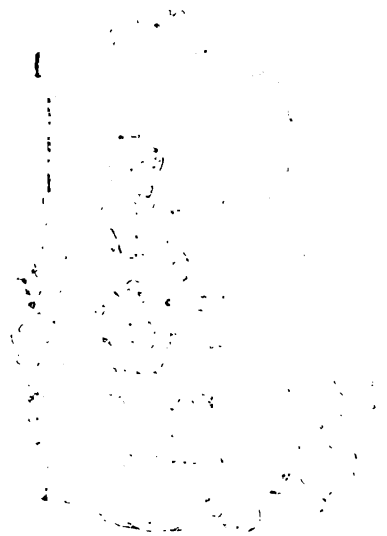
Existe um banco tosco abandonado
Que sob os musgos e as incultas rosas
Guarda ainda um perfume do passado
E um echo de palavras amorosas,

Palavras que ao murmurio da cascata
Ouviu a um cortezão que as segredou
No ouvido gentil d'uma açafata.

Hoje estendem-se ali na relva lisa
Os restos da merenda que fartou
Uns burguezes em mangas de camisa.

Mariquita

(Na porta d'uma agua-furtada)



Porque anda tão distrahida
Mariquita a costureira,
Que ia hontem á sahida
Não cantava gallhofeira?

Entristece por ter dado
Gargalhada, que amedronte
Um olhar apaixonado
Do caixeiro ali defronte?

Pensará no brasileiro,
Que lhe disse hontem na rua:
Eu dava muito dinheiro
Por uma palavra sua?

Então que tem Mariquita,
A ladina costureira,
Que já nem falla á Rosita
Predilecta companheira?

Pensa na festa ruidosa
Onde á noite se ha de ver
Um vestido côr de rosa
Que esteve hontem a coser.

TREPADEIRAS

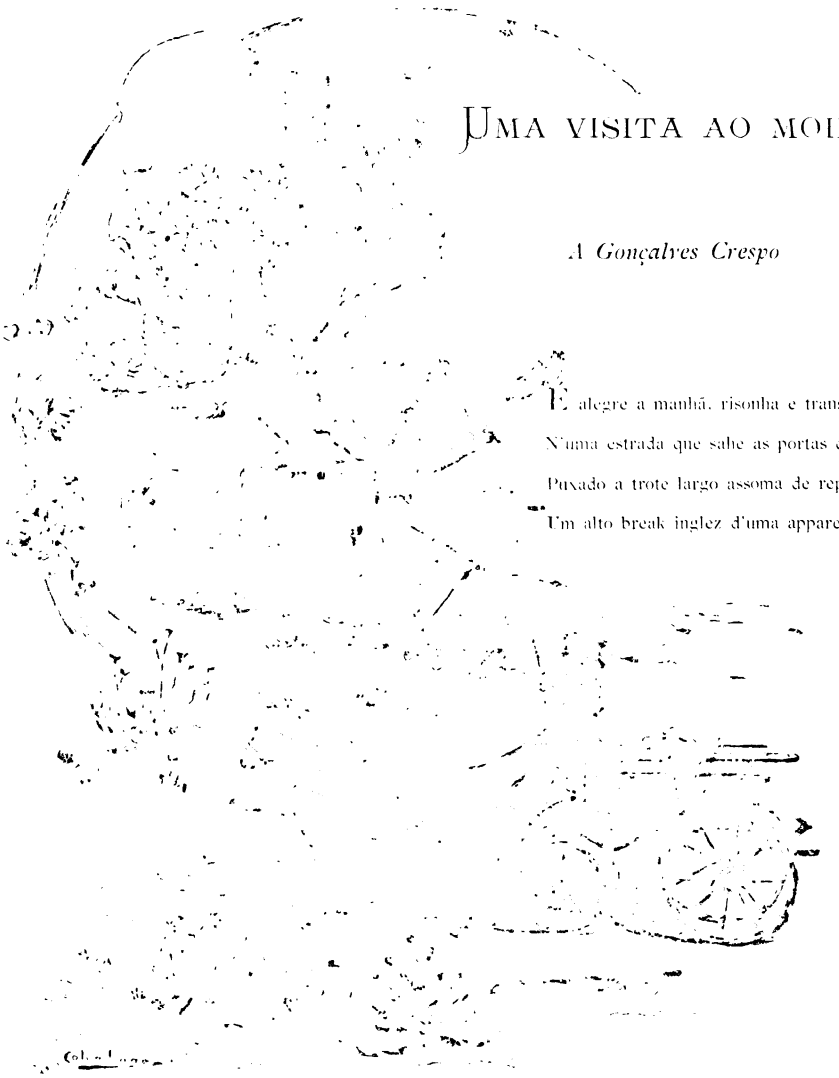
Sob a tua janella oh minha flor
Eu ha dias dispuz umas roseiras,
Que subindo em festões de trepadeiras
Te levassem a voz do meu amor.

E te dissessem nos aromas quentes,
Que das rosas se espalham, ao luar,
Palavras que ninguem soube expressar,
Harmonias de canticos dolentes;

E que subindo fossem — arabescos
Da ramaria em cachos caprichosos —
Emmoldurar os hombros teus formosos
Contornados, gentis raphaelescos.

E que os botões nos ramos a vergar
Roçando-te na pelle alabastrina
Te colhessem da bocca purpurina
Os beijos que se perdem pelo ar.

D'essa janella então, ó minha flor,
Emmoldurada assim de trepadeiras,
Que uma rosa me désses das roseiras
E com ella envolvido o teu amor.



Uma visita ao moinho

A Gonçalves Crespo

É alegre a manhã, risonha e transparente.
N'uma estrada que sahe as portas de Lisboa
Puxado a trote largo assoma de repente
Um alto break inglez d'uma apparencia boa.

Escuta-se o ranger d'arreios encerados
E o respirar febril dos alazões nervosos,
Em meio da almofada aprumam-se os creados,
Correctos na libré, sisudos, silenciosos.

Um rancho feminino oscila nas cinturas
Ao leve balouçar elastico das molas,
Respiram-se no ar balsamicas frescuras,
Passa no azul um bando arrulhador de rolas.

No manto de verdura extenso dos trigaes
Ha chuvas de saphyra e pingos d'amhetista,
Vermelham da papoula os labios sensuaes
Como nos quadros bons de Porto, o paysagista.

No cimo d'um cabeço a recortar o monte
Um redondo moinho o panorama esmalta,
Lentamente se vê mover no horisonte
Da grande vela em cruz o habito de Malta.

Apeia-se contente a alegre companhia,
Sorri-lhe uma visita á casa do moleiro,
Commentam rindo o caso e cheias de alegria,
Sobem da verde encosta o desegual carreiro.

Ao entrar no moinho o bafo d'elegancia
E o crystallino rir do grupo buliçoso,
Que vinha perturbar na solitaria estancia
Da mó no seu rodar o giro rumoroso,

Uma loira que tinha os olhos côr d'anil
Mergulha na farinha a pequenina mão,
Encosta-se n'um sacco, empoa-se gentil
E diz que é ser moleira a sua vocação.

O moleiro de pé na tortuosa escada
Á extranha confidencia incredulo sorri,
Pergunta-lhe ella então ingenua e animada
Se não é muito bom passar a vida ali.

Se não acha ideal a murmurante orchestra,
Do vento a assobiar excentricos solfejos,
Se não tem muito amor, e aponta-lhe com a destra,
Ao santo que se vê na porta em azulejos,

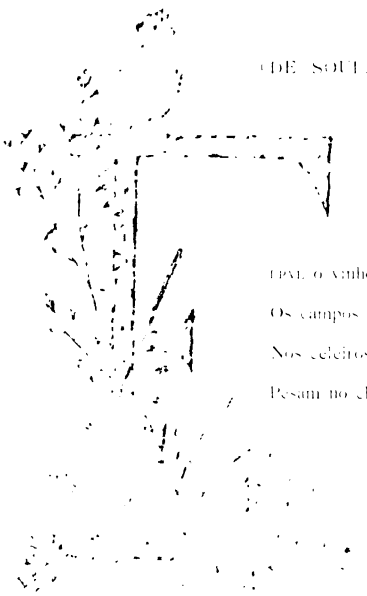
Se elle não tem familia, um filho, uma creança,
Que forre d'alegria e risos infantis
O seu modesto ninho, e quando elle descança
Lhe perfume o sonhar sympathico e feliz.

Tivera um filho sim, o enlevo do moinho,
Mas n'um dia de vento á vela se chegou,
Subiu arrebatado em doido torvelinho,
E um grito, pelo ar, d'angustia se escutou.

Vive sósinho ali e tem por ganha pão
Do filho estremecido o proprio matador,
Saudosa o atormenta atroz recordação
E sente no moinho um pavoroso horror.

Porque em noites d'inverno em quanto geme o vento
E faz assobiar os *barros* do moinho
Parece-lhe escutar um lugubre lamento
E julga distinguir a voz do seu filhinho.

De comer a quem tem fome



(DE SOUTARY

Deixe o vinho nas pedras do lagar,
Os campos ceifados, os prompto e ceifados,
Nos celeiros os saccos recheiados
Pesam no chão, e fazem n'o estalar.

Gordo rendeiro exulta, e no lidar
Arruma, conta, ralha a seus creados,
E diz: Se Deus proteje os abastados
Manda tambem com os pobres quinhoar.

N'isto chega um pardal independente
Que um grão sustenta, e vae com ar contente,
Poisar ditoso no beiral visinho.

O dono diz: Sem ti, grande ladrão,
Teria mais um sacco de bom pão,
E a espingarda apontou ao pobresinho.

Lamina de Toledo

Quando a côrte vistosa ainda brilhava
De Toledo na historica cidade,
Por onde a fina flor da mocidade
As rutilas esporas arrastava:
N'uma rua afastada um velho armeiro
As laminas vendia,
Que todo o gentil homem ou guerreiro
Ao lado seu trazia
Pendente do lavrado talabarte
Com presumpçoso garbo e valentia.

No paço, na cidade, em toda a parte
As laminas do velho eram gabadas
E da folha luzente das espadas,
E de seus punhos, que o cinzel com arte
Bordava com desenhos cuidadosos,
Fallava-se por toda a Andaluzia.

O velho tinha um filho que ajudava
A rendilhar os cabos caprichosos,
A dar a fina tempera ao aço fino,
E a quem de quando em quando perturbava
Meigo olhar andaluz e feminino
Que a visinha defronte lhe lançava.

Era formosa e tinha no sorriso
Palpitante, vivaz, acerejado,
A tentadora graça d'um peccado
Capaz de revoltar o Paraiso;
E de ao mais carrancudo magistrado
Na cabeça abalar o são juizo.

Ora com mais razão
Endoidecia muito cortezão.

Trabalhava de ha muito o velho armeiro
Nos copos d'uma espada fina e rara,
Que ao artista zeloso encommendára
Um rico duque moço e cavalleiro.

Empenhava-se o velho que essa espada
O seu nome illustrasse n'um primor,
E na divisa altiva cinzelada
Burilava das letras o lavor;
Lembrando-se que a sua assignatura
Do castello ducal entre a armaria
Na sala antiga, em breve, brilharia
Junto da velha historica armadura
D'esse heroe, que a revolta barbaria
Nos plainos destroçou da Estremadura.

Acabada a tarefa convidou
O moço duque a vil-a examinar,
E ao ver da espada o brilho coruscante
O duque duvidou,
Se mais valia a lamina brilhante
Se um tentador olhar,
Escuro, e provocante,
Que á janella fronteira lobrigou.

Por uma noite escura o velho armeiro
Sentindo n'essa rua socegada
O rumor estridente e carniceiro
De fera lucta com furor travada,
Pensou que era christão ou cavalleiro,
Que aos *perros* dos judeus dava caçada.
E sentindo o gemer angustioso
D'alguem que ali ficara agonisante
Dizia: Já não tornas, cão tinhoso,
A mal dizer Jesus, lingua infamante.

Passado curto instante
Cahio tudo n'um placido repouso.

Na seguinte manhã, quando sahiu
A porta, á dubia luz da madrugada,
O cadaver do filho descobriu,
E no seu peito aquella mesma espada
Com tanto amor d'artista trabalhada.

Quanto á visinha ninguem mais a viu.

Primeiro d'Abril

(CARTEIRA D'UM ESTUDANTE)

ONTEM á noite pequena,
Quando mais cedo eu sahia,
E me notaste com pena
Que isto nunca acontecia,

Quando, sorrindo, tentaste
Prender-me, filha, em teus laços
E o pescoço me apertaste
Na forca dos teus dois braços,

Eu notei perfeitamente,
Vê lá que esperto não sou!
Que do teu olhar dolente
O velludo se molhou.

Então bebi, com delicias
D'um pachá que o opio fume,
As adoraveis primicias
Do teu primeiro ciume,

E não só não protestei
Nem essa nuvem desfiz
Com remedios que eu bem sei
Que te fazem tão feliz,

Mas até com certo amor
D'um refinado guloso
Quiz prolongar o sabor
D'um tão rarissimo gozo.

E com pretexto vulgar
(O mundo faz-nos assim)
Eu deixei-te acreditar
Que alguem esperava por mim.

Dizem-me hoje essas olheiras
Anniladas côr do ceu,
Que paraste as frioleiras,
Que o piano emmudeceu,

E que esta noite a almofada
Nem beijou sequer a fina
Superficie avelludada
D'essa pelle alabastrina.

Hoje que o riso appareça
Na tua bocca gentil.
Hontem preguei-te uma *peça*
Foi o primeiro d'Abril.

Á Senhora Duqueza de Palmella

Offerecendo-lhe a comedia o «Minuete»

Nas suas brancas mãos patricias elegantes,
E que uma veia azul suavemente annilla,
Que moldaram na pedra, em formas palpitantes,
A Dryade formosa, a pallida Sybilla.

N'essas mãos onde o scopro artistico scintilla,
No Paros traduzindo as concepções brilhantes,
Ou rasgue de Ficalho a lucida pupilla,
Ou do marmore arranque as lubricas Bachantes;

Nas suas mãos eu quiz depor, minha senhora,
De um cacho de lilaz, e rosas cor de aurora,
Bem feito e perfumado um fino ramilhete.

Mas como não achei o ramo desejado,
Compuz este soneto anemico, esmaiado,
E venho-lhe offertar, duqueza, o *Minuete*.

A PADEIRINHA

Os olhos sensuaes da padeirinha,
E a pelle côr de rosa, avelludada,
Com pennugem doirada que a farinha
Cobria de finissima camada,

O lenço branco, em pregas, attrahente,
Cruzado sobre o peito tentador
Tinham feito fallar timidamente
O virgem coração do professor,

Que ao passar de manhã, quando ia á escola
E que a via risonha no balcão,
Com uma alegria viva de hespanhola,
De manga arregaçada a vender pão,

Tinha appetites doidos de mandar
A todos os diabos o latim,
Invadir o balcão, de ir amassar,
De ser padeiro com padeira assim.

.....

Os repiques de sinos annunciam
Que a padeira casou com o namorado,
Ao professor os olhos se annuviam
E lá se vae á escola acabrunhado.

Á noite no seu quarto quando o esmaga
A solidão, e que o ciume o gela,
Consola-se afagando a ideia vaga
De ensinar o latim a um filho d'ella.

Duas épocas

Á Sr.ª D. Isabel de Almeida Mello de Castro

I

Na côrte requintada e florentina,
Que a princeza Maria rodeava,
Em que a pedante erudição latina
Ao soneto galante se casava;

Entre a formosa turba feminina
Que em torno do poeta se agrupava,
O suave perfil de Catharina
Deliciosamente destacava.

Nos olhos de Nathercia elle bebia
Um poema d'amor e de belleza,
Que em scintillantes versos traduzia.

E da Ribeira nos reaes serões
A fina flôr da gente portugueza
Applaudia as estrophes de Camões.

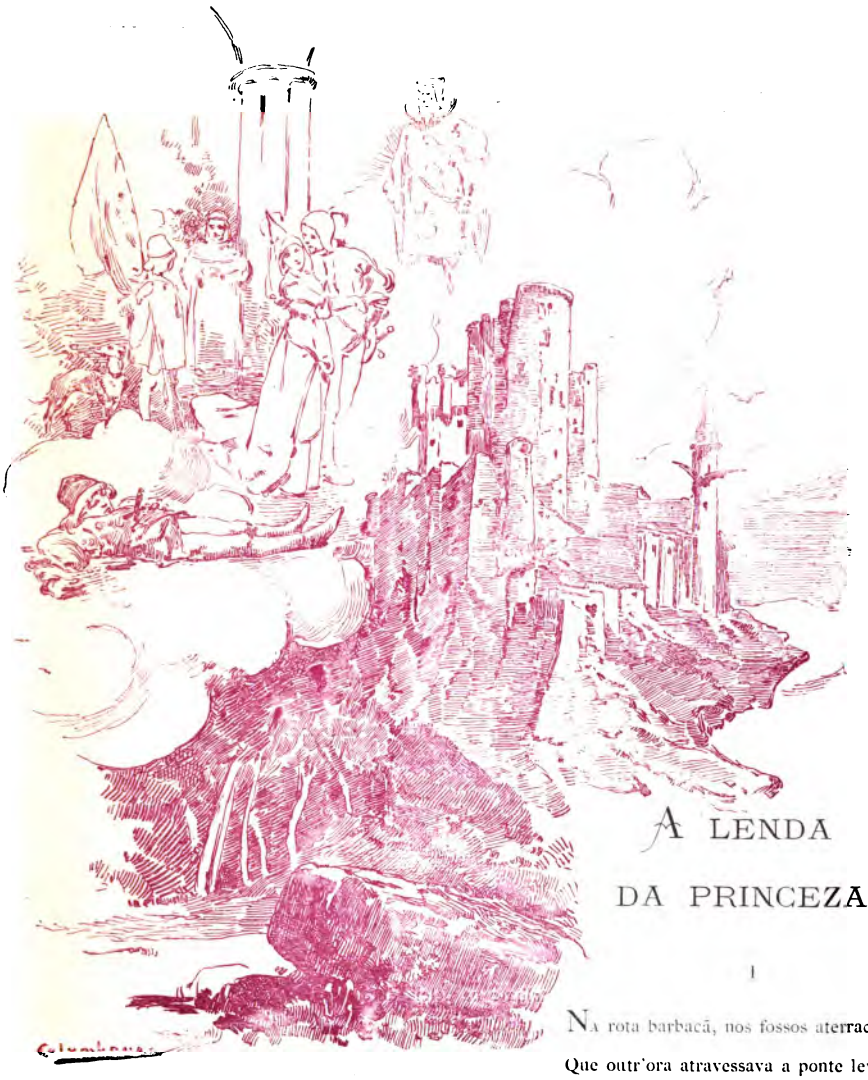
II

Alegres madrigaes da mocidade!
Torneios e saraus em que brilhou!
Existencia feliz que uma saudade
Na sentida elegia transformou,

Quando a morte, na dura crueldade,
De tudo quanto amava o separou,
Levantando-lhe n'alma a tempestade,
Que em ondas d'epopeia rebentou.

Foge-lhe assim a esperança em que vivia,
E comparando á propria dôr sombria
De Pedro a legendaria viuvez,

Sentiu, na solidão do captiveiro,
As saudades brutaes do Justiceiro
Ante o vulto amantissimo de Ignez.



A LENDA DA PRINCEZA

I

Na rota barbacã, nos fossos aterrados
Que outr'ora atravessava a ponte levadiça,
Nas ameias senis, e muros derrocados
Do vetusto castello a hera se espreguiça.

Nas frestas da muralha as aves fazem ninho;
O negro abutre paira a farejar a preza;
Nas seteiras verdeja o trevo e o rosmaninho;
Tem um sabor de lenda a velha fortaleza.

Espalham-se, no chão da torre de menagem,
Quebrados capiteis, columnas bysantinas;
Um ingenuo pastor, no seu dizer selvagem,
Ao forasteiro narra a historia das ruinas.

Conta que houvera um rei, bravissimo guerreiro,
Que adorava a rainha e doido a estremecia,
Mas sendo velho já, sem filho, e sem herdeiro,
O namorado rei bisonho entristecia.

No sangue da batalha e na peleja dura
O velho rei tentou as magoas esquecer.
Voltando vencedor, um pagem que o procura,
Lhe disse que a rainha a sós o queria ver.

Da voz aveludando as notas de crystal
Ella lhe diz que vae perpetuar-lhe a linha.
N'aquella mesma noite a folha d'um punhal
Rasgava o coração do pagem da rainha.

Na côrte se contava o caso vagamente,
E commentando baixo a tragica aventura,
Diziam, que a rainha ao expirar doente
Duas filhas deixou de rara formosura.

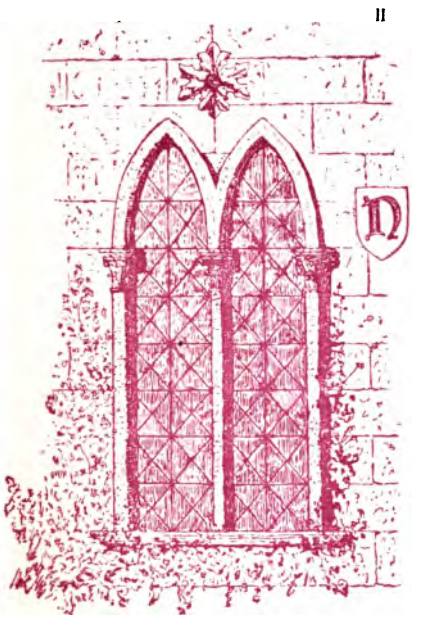
E revelava alguem que vira d'uma vez
No peito da mais nova, em negro, desenhado,
Com singular relevo e rara nitidez,
O cabo do punhal argenteo cinzelado.

Foi n'essa occasião que o fero rei mandou
As filhas encerrar n'aquella fortaleza;
Alguns annos depois na côrte se espalhou,
Que apenas na prisão restava uma princeza.

Ora por esse tempo um moço cavalleiro,
Que em guerras alcançára a fama de valente,
Resolve penetrar n'aquelle captiveiro,
Mordido d'ambição imaginosa, ardente.

E tanta astucia emprega, e usa de taes ardís,
Que em breve penetrar na fortaleza alcança;
O desejado fim consegue, e vê, feliz,
Render-se o coração da timida creança.

II



As curvas arcarias onde brilha
Um poema de pedra, e se rendilha
Em gothicos lavores,
Subindo nas columnas a ramagem
Entre espiraes de cachos e folhagem,
E recortadas flores,

Estrugem as abobadas sagradas,
Retumbando as sonoras baforadas
Do orgão medieval;
E da tuba canora a voz intensa
Enche de fundos sons a nave immensa
Da velha cathedral.

Desenha-se nos vidros multicores
Das janellas, em tragicos horrores,
O drama da Paixão;
Desde o beijo na face de Jesus,
Até ao monte onde se hasteia a cruz
Junto do máu ladrão.

Pelos vidros d'um forte colorido
Côa-se a luz, que esbate no vestido
Nevado e de setim
Da princeza, que proximo ao altar
Tremula vae em breve murmurar
O desejado: sim.

Pois essa luz que tinge, tão ligeira,
O branco veu, a flor de larangeira,
De esmaiado rubor,
Contrasta com a pintura commovente,
Animando essa festa alegremente,
Essa festa d'amor.

A poeira nas fitas luminosas
Treme em danças aereas, vaporosas,
Saltos funambulescos,
E d'incenso uma nuvem se desdobra,
Como os anneis de transparente cobra
Em largos arabescos.

Sob o rico docel apparatoso,
D'onde cae o brocado sumptuoso,
A purpura brilhante,
Em largas pregas d'oiro recamadas,
Entre as armas reaes auri-bordadas
D'um brilho coruscante,

Sobre o throno, sentado como um espectro,
O velho rei cogita: sente o sceptro
Resvalar-lhe da mão,
Sem que o receba um desejado herdeiro...
E o seu olhar persegue o aventureiro
E a filha d'um villão.

Desvia então a vista, mas, na frente,
A rainha que dorme, docemente,
No tumulo estendida,
E que no fundo somno socegado,
Tranquilla escuta os hymnos do noivado
Da filha estremecida,

Faz borbotar o sangue revoltoso,
Na face d'esse rei d'aspecto iroso,
Com singular pujança,
E no sombrio olhar se ateia o lume
Do seu antigo e tragico ciume
Repleto de vingança.

Quando ao cabo da festa apparatosa
Para beijar do pae a mão rugosa
A noiva alegre vinha,
Pendente lh'a sentiu inanimada,
Como ao beijar a nivea mão gelada
Marmorea da rainha.

III

A perfumada alcova a noiva alvoroçada
Escuta com terror, em vez d'alegres hymnos,
Na torre do castello, em lugubre toada,
Dobrarem tristes sinos.

Parece-lhe então ver o véo do casamento
De goivos semeado, e funerarias flores;
Cuida que lá por fóra o sibillar do vento
Maldiz os seus amores.

No peito do marido acolhe-se tremente,
Com a fraca timidez que a pomba voa ao ninho,
E lança o meigo olhar ao d'elle, docemente,
A procurar carinho.

Mas não encontra ali a fonte de ternura,
A doce protecção, que tanta vez sonhou:
Faltando-lhe esse olhar que tremula procura,
Chorando desmaiou.

É que o dobrar do sino ao moço cavalleiro
Affaga docemente o sonho d'ambição,
Diz-lhe que vae ser rei, que o seu paiz inteiro
Lhe vem beijar a mão.

No duro bronze vê a mão da humanidade
O nome seu gravar junto aos heroes da historia:
Sente a remota voz, em que a futura edade
Lhe falla da memoria.

Modera, impaciente, a sofrega alegria,
Que em borbotões lhe inunda as faces radiosas;
E deixa que se enrosque a ardente phantasia
Em curvas caprichosas.

Mas subito lhe vem cahir no pensamento,
Pesada como um ferro, aguda como a dôr,
A duvida, que muda em singular tormento
O sonho encantador.

Por isso ao perceber que a tremula princeza
Ao peito lhe encostou a fronte virginal,
O seio lhe descobre, e vê-lhe com surpreza
A marca do punhal.

Pensando que á mais nova unira o seu destino,
Em negra raiva ardendo e louco de vingança,
Allucinado rasga o seio alabastrino
Da timida creança.

....

Refere hoje o pastor que sobre essas ruinas
Um vulto branco paira em noites de luar,
E que ao primeiro alvor das luzes matutinas
Se esconde a soluçar.

O PROCESSO DE LELIA

A Bernardo de Pindella

Vamos, leitora, entrar n'um tribunal agora,
Mas não a levarei (socegue desde já)
Aos bancos infernaes da suja Boa Hora
Ouvir os palavrões da escola de Zola.
Se o caso a commover, então, minha senhora,
Onde era o tribunal, em breve o saberá.

Na cadeira preside á celebre audiencia,
Austero como a lei, um grave magistrado,
Que nunca se dobrára ao rogo mais pesado,
Nem consta que jámais vendesse a consciencia.
Um Salomão blindado,
Modelo de virtude, abrigo da innocencia.

Na mesa onde é costume acharem-se dispersos
Os perfidos punhaes, as facas truculentas,
Despojos de ladrões, e tunicas sangrentas,
Provas de muito crime, e casos tão diversos,
Solitario um sapato ali se vê sómente
De pallido setim, que um pouco desmaiára
Com saudades talvez do companheiro ausente,
Ou do pequeno pé que d'antes o calçára.
E tem muita razão, porque é tão pequenino,
Que o pé devia ser um dactylo perfeito...
Emfim, talvez maior do que este alexandrino,
Mas muito mais bem feito.

A dona, a quem pertence aquella miniatura,
Envergonhada esconde o rosto na mantilha,
Por sob a qual se vê um forte olhar que brilha,
Com a provocante luz d'uma saphyra escura,
E sabe reunir gestos da *Seguidilla,*
Ao porte mais modesto e séria compostura.

Tem artes de juntar a alvura da camelia
Ao púrpuro esplendor das rosas tropicaes,

A ingenuidade mansa e candida de Ophelia
Aos modos de *mañola* ousados, sensuaes;
Por isso quando dança a triumphante Lelia,
Rompe-se muita luva, applaudem-n'a os jornaes.

O que hoje traz ali a bella criminosa
Corre de bocca em bocca, e, rindo, se aprecia
D'um velho conselheiro a côrte escandalosa,
E a cara que faria
Quando ella de uma vez lhe arremessou nervosa
Com o pequeno sapato á calva luzidia.
Foi isto o que apagou a chamma abrazadora
Que ha muito consumia o pobre conselheiro,
A quem hoje só resta a febre vingadora
De ter perdido assim com essa seductora
Reputação de sério, e rios de dinheiro.

Em quanto gesticula e falla o delegado
Lembrando a veneranda e funda cicatriz,
Pela primeira vez na mente do juiz

Se fórma um pensamento alheio ao seu estado;
E sente ao ver da ré a carnação feliz
Um veneno subtil nas veias espalhado.

Recorda solteirão sem pena nem saudade
A vida que arrastou passada na rotina,
No pó dos tribunaes, que obriga á seriedade,
Sem um desvio só, nem sombra feminina,
Que lhe levante n'alma o pó da mocidade,
E surge-lhe hoje ali formosa a dançarina.

Apenas ella vê que esse nascente amor
O grave magistrado invade n'um tormento,
Renova de Phrinea o perfido argumento,
E faz cahir o veu do rosto tentador,
Deixando adivinhar no busto corpulento
As fórmas triumphaes da Juno d'Euphranor.

Não foi mais expressiva a grega cortezã,
Porque esta descahindo apenas a mantilha,

E n'um sorriso, abrindo os beiços de romã,
Formosa flor de carne, intensa macenilha,
Perturba do juiz a mente pura e sã.

O texto da sentença é facil de prever.
Declaração d'amor feita em papel sellado...
Mas cedo se começa o pobre a arrepender,
Sentindo que o sapato é contra si vibrado,
E já mais d'uma vez alguem lhe ouviu dizer:
Que tudo quanto é bom, faz mal ou é peccado.

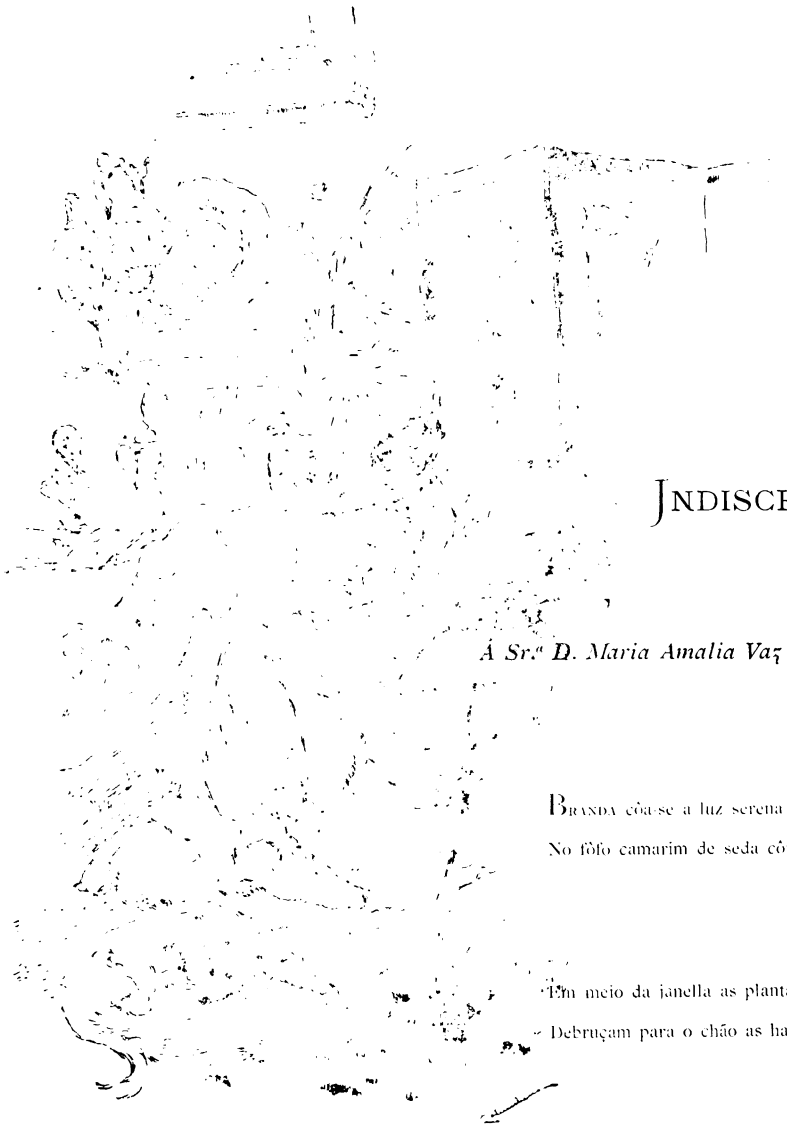
BIARRITZ

TINHA o sonoro timbre musical
Na fresca voz de notas argentinas,
E o requebro hespanhol, cheio de sal,
Nas recatadas fórmas peregrinas.

Quando entrava nas ondas azulinas,
A filha do marquez de Fuencarral
Tinha a graça indolente das ondinas
Mergulhando-se em lagos de crystal.

Ouvindo que na Antocha se casara
Um banheiro rapaz que muito a amara
Afogou-se na *Gruta dos Amantes.*

Quando alguem lh'o contou, com funda magoa
Dos olhos negros d'ella rasos d'agoa
Cahiram sobre o peito dois brilhantes.



Indiscrição

Á Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Branda côa-se a luz serena e voluptuosa
No fôfo camarim de seda côr de rosa.

Em meio da janella as plantas delicadas
Debruçam para o chão as hastes recurvadas.

Deslumbram de Cellini argenteas esculpturas;
Descançam na parede artisticas gravuras.

N'um quadro uma ramada umbrosa de Corot.
Além vê-se n'um leque um parque de Watteau.

N'aquelle contador (um movel Renascença)
Ha louças do Japão, e pratos de *fayença*.

Respiram-se no ar perfumes elegantes,
Aromas de violeta, effluvios penetrantes.

Um formoso animal, um cão felpudo enorme,
O focinho nas mãos junto a um piano dorme.

Dorme, sonha talvez n'uma creança linda,
Que elle salvou no mar ha pouco tempo ainda.

Espalham-se na meza illustrações formosas,
Albuns de Gavarni, paysagens deliciosas.

Entre os livros se vê um lapis encostado,
N'um album inda aberto, ha pouco abandonado.

No candido papel avulta em traço fino,
O accentuado perfil d'um rosto masculino.

Uma gentil morena, a trança côr de amora,
N'um commodo sophá distrai-se encantadora.

Abre-se-lhe nas mãos um livro: as *Miniaturas*.
Sonha a virgem talvez phantasticas venturas.

Vamos, indiscrição! A pagina o que reza?
Lê-se no alto—*A noiva;* adivinhei, marqueza.

A VOLTA DA AMA

Ao Dr. Eduardo Burnay

Partira ha mais d'um anno a loira Beatriz,
A cara mais bonita e fresca do logar,
Mulher do ferrador. O povo d'ali diz:
Que ella fôra ser ama, e rica ha de voltar.

Ao ferrador custou vel-a partir, deixando
O filho sem amparo e a casa abandonada;
Hoje porém contente, á porta, a fica esperando
E sobre o ferro bate alegre martellada.

Do vasto parreiral, que a porta lhe sombreia,
Pendem cachos no ar maduros, saborosos,
Em torno aos quaes se vê da proxima colmeia
Zumbir o povo alegre, em gyros caprichosos.

De machos uma récua espera paciente,
Do pello sacudindo as importunas moscas;
Escuta-se o bater do ferrador valente
Dobrando na bigorna as ferraduras toscas.

Cacarejando ao sol, debica na estrumeira
Uma gorda gallinha, em maternal affecto,
Á prole que a rodeia ensina ella a maneira
De procurar com o pé o desejado insecto.

Na estrada solitaria ha tilintar de guizos;
A diligencia vem; de patos foge um bando;
Param no lavadouro a gritaria e risos,
Surgem caras a medo ás portas indagando.

Acompanhada vem de alguns de seus parentes
A bella Beatriz, mulher do ferrador;
O mulherio a cerca e gaba-lhe os presentes,
Uma pulseira d'oiro, um rico afogador.

Do seu olhar azul a doce limpidez
Traz hoje da cidade um provocante brilho,
Estranho e sensual, tão cheia d'altivez
Que a desconhece e chora, ao vel-a, o proprio filho.

E o ferrador, olhando a scena singular,
Suspeita a duvidosa origem da riqueza,
E resmungando vae no banco martellar
Desabafando assim... as magoas e a tristeza.

UM CASAMENTO

NO SECULO XIV

I

O CERCO

Num vasto acampamento assenta os arraiaes
Em volta de Lisboa a castelhana gente;
Rodeiam a muralha as hostes triumphaes,
Com pompa singular, e brilho reluzente.

De Campo Lide ao Tejo as tendas luxuosas
De seda e brocatel, em matisadas côres,
Ostentam, na fachada, as armas orgulhosas
Dos grandes de Castella, altivos campeadores.

Nas ruas da cidade, em cerco improvisada,
Confundem-se em tropel os nobres cavalleiros,
Os pregões do judeu que vende agua rosada,
Os risos de mulher, as pragas de besteiros.

Escuta-se, a bater no ferro, o alfageme;
Os guinchos do truão sybillam pelos ares;
Debaixo dos corceis a terra dura treme;
Ha gritos bestiaes, e lubricos cantares.

Por todo esse arraial a turba sybarita,
Que ha mezes ameaça os muros de Lisboa,
Em gaudio tripudia, e em provocante grita,
Que ao fundo de Valverde em confusão echoa.

De lanças a muralha e chuças erriçada,
Resiste com valor e muda teimosia,
E da arraia miuda a onda enthusiasmada
Aos de Castella mostra a rara valentia.

Injurias, que os de um lado aos outros arremeçam,
Provocam parciaes, ephemeras contendas:
A lança e o virote, os dardos atravessam
Do alto da quadrella ás numerosas tendas.

Em desafio chama um nobre a outro nobre,
E travam com furor combate singular:
Sob a viseira então que os rostos lhes encobre,
Chispa a sinistra luz do chamejante olhar.

O frade patriota, e a intrepida mulher
Que augmentam a de Aviz inquieta e forte grei,
Trigosamente vão, cantando, a combater,
E pasmam com valor o castelhano rei.

II

AS NUPCIAS

'UMA manhã de Agosto, alegre e sorridente,
Suspende-se d'accordo a fera hostilidade;
Prepára-se a folgar no campo a dura gente;
Descança em doce paz a bellica cidade.

Da guerra interrompendo o drama virulento,
Um idylio amoroso a historia nos revela;
Celebra-se com festa um nobre casamento;
A noiva é portugueza, o noivo é de Castella.

—Na pleiade brilhante e côrte juvenil
Que D. Leonor em torno a si juntava,
Foi Beatriz de Castro a dona mais gentil,
Do mais gentil olhar que os paços animava.

E foi tal o poder da sua formosura,
Que a perfida rainha a escolhe entre as demais.
Deixando-lhe enredar o fio d'aventura
Que aponta contra o genro a folha dos punhaes.

A chronica nos diz que a bella portugueza
D'El-Rei o nobre primo então enlouqueceu,
A ponto de levar em criminosa empreza
O namorado Affonso ao lance que o perdeu.

Foi isto o que atirou a astuta Leonor
Da luzidia côrte á cella d'um convento;
N'um sopro se desfaz o sequito d'honor,
Que outr'ora povoava o paço turbulento.

Na buliçosa turba, em migração fugida,
Figura Beatriz na flor da mocidade,
E voando a Lisboa á paternal guarida,
O cerco a vem prender nos muros da cidade.

Ao ver da fugitiva o luminoso olhar,
Desanimando já d'entrar na fortaleza,
O conde de Mayorca, em vez de batalhar,
Conquista o coração da bella portugueza.

Por isso n'esse dia o vasto acampamento
Em galas amanhece e em musicas guerreiras,
E n'esse mar extenso, ao perpassar do vento,
Desdobram-se os pendões, desfraldam-se as bandeiras,

Como lenços dizendo adeus ao Tejo azul,
Por onde a fusta corre e singram as galés,
Que deixando Restello, a pôpa dando ao sul,
Ancoram-se em Lisboa e vem beijar-lhe os pés.

Na tenda em que tremúla o pavilhão real,
Em doce arrasoar, as damas da rainha
Do conde de Mayorca, o moço general,
Aguardam o esponsal que perto se avisinha.

Já dentro da cidade ouviram repicar
O carrilhão da Sé que as festas annuncia:
Já vem chegando a voz da turba popular
Que envolve o Defensor em calida alegria.

Garrida e pittoresca, a multidão se espalha,
Em alas, aguardando o esplendido festejo;
Descerram-se os portões da solida muralha,
Nas ruas serpentei.: o nupcial cortejo.

Timbales, anafis, adufes e tambores
Vão em frente vibrando harmonica fanfarra;
A plebe, quando passa a turba dos senhores,
Epithalamios lança em bafos d'algazarra.

Sobre o rico teliz de fina bordadura
A noiva passa ouvindo os hymnos triumphaes,
E da anafada mula a redea lhe segura
D'Aviz o nobre Mestre, honrando os esponsaes.

No seu aspecto rude e no soberbo porte,
No seu profundo olhar onde a coragem luz,
E o pensamento ferve alevantado, e forte
Que as multidões domina, e multidões seduz,

Tem hoje uma brandura, um ar galanteador,
Que a historia não conhece em D. João primeiro,
E que no vulto heroico e bom do Defensor
É doce como o rir d'um velho marinheiro.

Chegando ao arraial, com a nobre comitiva
Ao conde castelhano a noiva confiaram,
E n'essa noite o Mestre e a gente sua altiva
Da paz o singular parenthesis fecharam.

III

LUA DE MEL

PASSÁRA mais d'um mez; nos muros de Lisboa
Sinistra vae crescendo a pavorosa fome;
Pelo campo inimigo a negra peste voa,
Abutre que o devora e vidas lhe consome.

Espalha-se o terror em todas as fileiras,
Na soldadesca lavra o fundo abatimento
Em frente do flagello. As vozes carpideiras
Da gente angustiosa em lugubre lamento

Á tenda vão d'El-Rei pedir-lhe que levante
O cerco. Elle recusa, e, proseguindo a empreza,
Vê a peste minar das tropas o restante,
E dizimar-lhe a flor da intrepida nobreza.

Resiste entanto El-Rei e de vergonha córa
Pensando abandonar o campo ao portuguez;
Brevemente porém o regio orgulho chóra
Sentindo-se dobrar pela primeira vez,

Quando chega a roçar sinistra as negras azas
No pavilhão real a peste, e vem, damninha,
A febre incendiar as coruscantes brazas
Na face desmaiada e bella da rainha.

Do embravecido rei na mente ambiciosa
Desenha-se-lhe então o negro pensamento
De rodeiar com fogo a gente valorosa,
Que tanto resistira ao cerco truculento.

Mandou incendeiar, n'um impeto selvagem,
As tendas de setim dos vastos arraiaes,
Que ao languido soprar da vespertina aragem
Estorcem pelo espaço as rubras espiraes

De fogo abrazador, lembrando a antiga Roma
Que Nero á sobre-meza accende com prazer,
As chammas infernaes da biblica Sodoma,
E Troia, a legendaria, em turbilhões, a arder.

Retiram-se entretanto em direcção a Hespanha,
A tropa destroçada, as hostes combalidas,
Levando em procissão, n'uma vanguarda estranha,
Toda a nobreza morta entre illusões perdidas.

Caminha devagar na secca Extremadura
O funebre cortejo. Á noite, dos brandões
Á movediça luz, destaca-se a figura
D'uma mulher que chóra atraz d'um dos caixões.

Da noiva de Mayorca a extrema pallidez
Revella da sua dôr os golpes cruciantes,
Sentindo mergulhar na escura viuvez
D'uma lua de mel os raios scintillantes.

FIM

Indice

PAG.

Cahir do azul 7
Fin de rêve 11
O alabardeiro 15
O romance de Julia 21
A filha do chefe 27
Ruinas 31
Mariquita 33
Trepadeiras 35
Uma visita ao moinho 37
Mephistopheles e Martha 43
De comer a quem tem fome 45
Lamina de Toledo 47
Primeiro d'Abril 53
Á Sr.ª Duqueza de Palmella 57
A padeirinha 59
Duas épocas 63
A lenda da princeza 67
O processo de Lelia 79
Biarritz 85
Indiscrição 87
A volta da ama 91
Um casamento no seculo XIV 95

FEB 17 1960